

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

22

INSCRIÇÕES 98-102



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
COIMBRA 1987

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista *CONIMBRIGA*, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas da Península Ibérica.

Solicita-se a colaboração de todos quantos tiverem directo conhecimento de achados.

Este fascículo estabelece as normas de apresentação dos textos, embora se admita e aceite uma certa flexibilidade.

O comentário onomástico deve ser breve e pode mesmo omitir-se. Pretende-se, todavia, uma descrição correcta da peça, uma indicação das condições do achado, uma leitura e comentário paleográfico, bem como indicação do paradeiro actual.

O *FICHEIRO EPIGRÁFICO* publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos.

As inscrições são numeradas de forma contínua ao longo dos vários fascículos, de modo a facilitar a preparação de índices, que serão publicados no termo de cada série de dez fascículos.

FICHEIRO EPIGRÁFICO is a supplement of *CONIMBRIGA* whose objective is to make available previously unpublished Roman inscriptions of the Iberian Peninsula. Contributions from all finders are welcome; this issue sets the desired pattern of such contributions, allowing for a certain flexibility.

The onomastic and historic notes must, however, be very short. They can even be omitted, in which case the note in question will consist merely of a description of the object, of the conditions of its discovery, of a reading and paleographic commentary, and reference to present location.

FICHEIRO EPIGRÁFICO will be published in 16 page issues, of varying periodicity according to frequency of received notes.

The inscriptions will be numbered, the numbering being continuous along the issues, so as to facilitate the preparation of indexes, which will be published at the end of each group of ten issues.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

All contributions should be sent to the editors:

José d'ENCARNAÇÃO

Instituto de Arqueologia — R. de Sub-Ripas, P-3000 COIMBRA

Maria Manuela Alves DIAS

Av. Madrid, 24, 2.º dt.º, P-1000 LISBOA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio do

CONSELHO DIRECTIVO DA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

Suplemento de Conimbriga

ISSN 0870-2004

Editor: José d'Encarnação

Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra
Rua de Sub-Ripas, P-3000-395 Coimbra

FICHEIRO EPIGRÁFICO, Edición electrónica.

Proyecto y realización, Joaquín Gómez-Pantoja
Digitalización y traducción de PDF, Mariano Rodríguez Ceballos
Índices: Joaquín Gómez-Pantoja, José Vidal Madruga y José
d'Encarnação.

Este trabajo ha sido financiado por el proyecto "VBI ERAT LVPA"
(2002-0462/001-001CLT CA22) de la Comisión Europea.



Depósito Legal N° 191563/03

ARA A *AELVA*, DE FAMALICÃO (GUARDA)

Foto 98.1

Este monumento foi identificado e recolhido, há já bastantes anos, pelo Dr. A. Crespo de Carvalho ⁽¹⁾, que o mantém em sua posse na Quinta de Santo André (Vila Mendo, Guarda). Estava integrado na parede de uma dependência agrícola existente no sítio designado por Quinta de Manuel Tomás, freguesia de Famalicão da Serra, concelho da Guarda: para ali fora levado de uma outra construção arruinada (com anterior reaproveitamento). Pela proximidade das ruínas medievais de Barreiras — que tiveram ocupação no período romano — parece-nos provável que dali tenha saído ⁽²⁾.

⁽¹⁾ A quem agradecemos a possibilidade deste estudo. Este autor teve a amabilidade de comunicar-nos, por carta, a sua interpretação; ainda que de forma bastante resumida, não devemos deixar de apresentá-la: *A(ulo) Elva(e) / Ber(onum) E(vocato) / C(ustodi) C(enturio) P(osuit)* — «A Aula Elva, guarda convocado dos Berões, o Centurião erigiu» — admitindo a hipótese de se tratar de um cipo funerário de época imperial.

⁽²⁾ Pelo local, que fica a cerca de 500 m das ruínas medievais — aproximadamente, em distância absoluta, 3 km a oeste de Famalicão e em plena serra da Estrela — passaria a medieval «estrada da Covilhã». A este itinerário, considerado de ligação entre Idanha e Viseu por vários autores, estão associados os miliários desta freguesia. Ainda inédito, existe um outro miliário em Famalicão, junto à igreja paroquial, onde serviu de coluna de suporte à pia baptismal até há poucos anos: devido à má qualidade do granito utilizado e ao mau estado de conservação, o seu estudo só será possível depois de trasladado para o Museu da Guarda.

Outros monumentos saíram de Barreiras, como o fragmento que apresentamos em adenda. Além deste, um miliário de Tácito recolhido na Quinta

Esta ara, de granito de grão médio, está ligeiramente erodida. Sem base evidenciada, tem um listel com 3 cm a separar o capitel do fuste; no capitel, dois toros (com $4 \times 5 \times 18$) ladeiam um fôculo circular com 8 cm de diâmetro.

Dimensões: $30 \times 20,5 \times 18$.

Campo epigráfico: $22,5 \times 20,5$.

AELVA / BERE/C(enses?) C(astellani?) P(osuerunt)

Os Berecenses (ou Berécenses) erigiram (esta ara) a Aelua.

Altura das letras: l. 1: AA = 3, E = 4,2 e LV = 3,5; l. 2: B = 3,5, EE = 5, R = 4; l. 3: CC = 4 e P = 6,5. Espaços: 1: 0,5 (em E) aumentando até 2; 2: 1 (em E) aumentando até 2,5; 3: 2,5/1,5; 4: 5,5/2 (em P).

Gravação bastante deficiente, decerto sem recurso à marcação de linhas auxiliares: altura irregular dos caracteres e linhas descaídas para a direita. Apesar disso, houve a preocupação de espaçar convenientemente as letras da l. 3: aqui, o segundo C, eventualmente, também poderia corresponder a um G, mas a existência de uma pequena fractura faz-nos hesitar; e o P — ainda que gravado de uma forma estranha — levou-nos à interpretação que apresentamos. Se assim não fosse e a letra final fosse um O, talvez *Berecco* estivesse como epíteto de *Aelua*, embora se aproximasse da forma *Baraecus* que é um teónimo já conhecido na região de Cáceres⁽³⁾.

Com dativo em *-ā* — já vulgar na região — *Aelua* deve corresponder ao teónimo *Alua* identificado em Mouriscas, Abrantes (*vide* FE 2). E *Berec-*, ou ainda *Berecc-*, deve estar como abreviatura de *Berecenses*, ou *Bereccenses*, neste último caso anulando a possível sigla C(*astellani*). Seja qual for a forma correcta deste

do Cadouço teria estado reaproveitado na igreja de Barreiras; e outro, de Constâncio Cloro e Galério, foi recolhido na Quinta da Tapada da Eira: *vide* César A. de Azevedo PIRES, *Miliários Inéditos*, «Arqueologia e História» 6, Lisboa, 1928, p. 150-153; e também Eugénio JALHAY, *Inscrições Romanas do Museu da Guarda*, «Brotéria» 50 (5), Lisboa, 1950, p. 560-572 (onde se publica um outro miliário de Tácito recolhido próximo de Barreiras).

⁽³⁾ *Vide* BLÁZQUEZ, *DRPH*, p. 47 e 141; e SAN ANTÓNIO, *CPIL*, n.ºs 422 e 555 (= CIL II 5276).

gentílico, não poderá deixar-se de o associar à abreviatura contida num monumento funerário de Alía, Cáceres, recentemente publicado ⁽⁴⁾, que pensamos poder completar-se com *Berc(ensis)*. E a localização de Barrelas presta-se bem para a existência de um *castellum*: *Berecum* ou *Bereccum*.

Este monumento deve ser do séc. II.



Foto 98.1

⁽⁴⁾ António González CORDERO *et alii*, *Nuevas aportaciones a la epigrafía de Extremadura*, «Studia Zamorensia» 6, 1985, p. 277-306, n.º 2: *Q(uitus) Dobiteri f(ilius) Berc(ensis?)*. Para o radical «bherk», ou «bhrek», com o significado de «brilhante, brilhar», *vide* Maria de Lourdes ALBERTOS FIRMAT, *O. Hisp.*, s. u. *Bercius*.

Este fragmento corresponde à metade inferior de uma ara, anepígrafo e de granito de grão médio, que tem servido para afiar ferramentas agrícolas: o topo do fuste tem já nítida uma concavidade, devida ao desgaste. Está numa propriedade da sra. Violeta de Jesus, no sítio da Quinta da Tapada da Eira, tendo sido recolhido pelos proprietários (há já bastantes anos) em Barrelas (que fica próximo).

Dimensões: fuste: $(15) \times 25 \times 20$; base: $(13/14) \times (34) \times (25)$.

A molduração é de cordão com 3 cm de altura e faixa com 5, a que se segue o soco com 6 (estando este bastante danificado).

FERNANDO PATRÍCIO CURADO

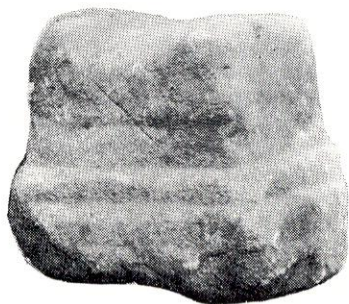


Foto 98.2

INSCRIÇÃO RUPESTRE DE ALDEIA DA PONTE (SABUGAL)

Foto 99

Num extenso mas baixo afloramento granítico situado 750 m a leste de Aldeia da Ponte (freguesia do concelho de Sabugal) e a cerca de 2 km da fronteira com Espanha, aproveitando o facto de ressudar alguma água de uma diáclase, foi feita nesta uma pequena concavidade oblonga, com cerca de 18 cm de diâmetro máximo e 9 cm de profundidade, para juntar a água; e para facilitar o escoamento, a própria fenda foi também afeiçãoada. Por este facto, o local é conhecido pela «Fonte da Tigela» ⁽¹⁾. Imediatamente por cima, a 25 cm, foi gravado o que consideramos uma dedicatória.

LANEANE / TANG(inus?) · F(ecit?)
· · ·

Tangino fez (esta fonte) a Laneana.

Altura das letras: l. 1: LAN = 9, E = 15 (tendo a haste vertical apenas 10), ANE = 12/15; l. 2: TAN = 9, G = 13 (haste = 3), F = 12. Espaço: 20 entre L e T, 28 entre E e F.

⁽¹⁾ Com o local estão relacionadas algumas lendas. E no perímetro urbano de Aldeia da Ponte, junto à ribeira, é vulgar encontrarem-se fragmentos de cerâmica de construção.

A superfície inscrita é sensivelmente trapezoidal, com cerca de $38/62 \times 55$, aumentando a altura dos caracteres da esquerda para a direita. Devido à erosão, são pouco nítidos os travessões dos AA; e, na l. 1, o nexa final ANE está bastante apagado. Os EE são de travessões oblíquos e abertos, relativamente às hastes. O G tem haste nitidamente prolongada para baixo.

Apenas devido à identificação, em circunstâncias idênticas, do teónimo *Lancana* em Fuente de la Higuera, Torreorgaz (Cáceres) ⁽²⁾, julgamos ser possível a interpretação aqui feita, considerando-se como uma consagração desta fonte àquela divindade indígena.

Provavelmente será dos sécs. II/III.

FERNANDO PATRÍCIO CURADO



Foto 99

⁽²⁾ Vide BLÁZQUEZ, *DRPH*, p. 112; e também SAN ANTÓNIO, *CPIL*, n.º 510.

ARAS A QVANGEIVS DA RIBEIRA DA NAVE (SABUGAL)

Numa vasta área da freguesia de Sortelha com povoamento disperso mas designada por Ribeira da Nave, existe um local com os topónimos Bandurro e Tapada da Laje, onde aparecem à superfície bastantes fragmentos de cerâmica de construção e doméstica (comum), mós manuais, alguns silhares almofadados e, pelo menos, um capitel de coluna⁽¹⁾.

100.1

Foto 100.1

Há já alguns anos, de um palheiro existente no Bandurro onde estava reaproveitada, foi esta ara levada para Sortelha por Patrocínio Clara: tem estado em sua casa e, por ele oferecida, dará entrada no Museu Municipal (em formação). É de granito claro, de grão grosseiro, possivelmente de afloramentos do próprio

⁽¹⁾ A tradição local situa ali uma «Vila de Celorico», mas é provável que, por corrupção, esta toponímia esconda outra bastante antiga. O local é um pequeno «plateau» atravessado por uma linha de água, numa meia encosta de declive um pouco acentuado e de terras pouco produtivas; a área com materiais romanos de superfície tanto pode corresponder a uma *villa* como a um pequeno *vicus*. O local situa-se na margem direita de um curso de água que também é conhecido por Ribeira da Nave mas que, na Idade Média, se designava por *Rio de Nocer*. Na margem esquerda e a maior altitude, situa-se a estação arqueológica dos Mosteiros, já na freguesia de Santo Estêvão, à qual estão associadas as inscrições referidas noutras fichas deste fascículo: entre os dois locais e em distância absoluta medeiam 2,5 km.



Foto 100.1

local. O capitel, que termina num rebaixo directo de 2 cm de altura, teve em cima dois toros com $(?) \times 4,5 \times 27$, actualmente desbastados; e, bem centrado, tem um fôculo rectangular com $12,5 \times 14,5$. O fuste inicia-se com um astrágalo de 4 cm, seguido de um filete directo de 1,5 cm e de um quarto de círculo côncavo directo de 4,5 cm; em baixo, é delimitado por uma faixa reversa com 7 cm de altura.

Tem algumas fracturas, sendo as maiores na base e nas arestas verticais anterior direita e posterior esquerda. Apesar disso, é ainda um monumento bastante elegante.

Dimensões: capitel: $5,5 \times 41 \times 30,5$.

fuste : $42 \times \begin{cases} 39,5 \times 30 \text{ (no astrágalo).} \\ 30,5 \times 21 \text{ (ao centro).} \end{cases}$

base : $16 \times 34 \times 26$.

Campo epigráfico: $24,5 \times 30,5$.

TANGINVS / TVRANI · F(*ilius*) / QVANGEIV / V(*otum*)
· S(*olvit*)

Tangino, filho de Turânio, cumpriu o voto a Quangeio.

Altura das letras: l. 1: 3,5/4; l. 2: 3/5 (aumentando para a direita); l. 3: 5/4 (último V = 3,5); l. 4: V = 4 e S = 4,5. Espaços: 1: 1 (0 em A); 2: 2/1,5; 3: 2,5/1; 4: 2/1; 5: 1,5/1.

A má qualidade do suporte não permitiu uma gravação perfeita. Todavia, há a assinalar que os NN são de hastes oblíquas; o G tem haste curta e vertical; os SS são inclinados para a direita; o R tem haste oblíqua partindo da pança; e o Q, haste bastante prolongada. Apesar de uma pequena fractura ao nível do final da l. 3, é pouco provável a existência de um S, com o que ficaria o teónimo no nominativo: será mais um caso de dativo em -ū.

A antroponímia é conhecida na região, embora o patronímico seja menos vulgar. Em território português e até ao momento, esta região é a mais setentrional com identificação do culto a esta divindade indígena, cujos atributos se desconhecem⁽²⁾.

Poderá ser monumento de finais do séc. II.

100.2

Foto 100.2

Em batida no local, foi possível encontrar ali mais dois fragmentos de aras, sendo um anepígrafo (e que se apresenta em adenda): ambos estão já no Museu Municipal.

Este fragmento, de granito de grão grosseiro e bastante erosionado, corresponde à metade inferior de uma ara. A base, bastante danificada, é de três cordões. A fractura foi feita ao nível superior da actual l. 1.

(2) Além destes dois, o teónimo já foi identificado em mais dois monumentos do concelho de Penamacor (Senhora do Bom Sucesso e Bemposta), num do concelho do Fundão (Capinha) e em dois do concelho de Nisa (Salavessa e, muito provavelmente, Senhora da Graça): *vide* FE 103, nota 2.

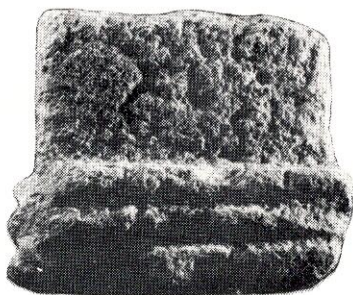


Foto 100.2

Dimensões: fuste: $(11) \times 21 \times 14,5$;

base: $9 \times 24,5 \times 18$.

Campo epigráfico: $(11) \times 21$.

[... / F(*ilius*) QV]ANGEL[O] / A(*nimo*) L(*ibens*) / V(*otum*)
S(*olvit*)

(...?) cumpriu de bom grado o voto a Quangeio.

Altura das letras: l. 1: (2,5); l. 2: A = 3 e L = 3,5; l. 3: V = 2,5 e S = 3,5. Espaços: 1: 0; 2: 0,5 em A e 0 em L; 3: 1 em V e 0 em S.

Apesar do mau estado de conservação, é ainda possível a leitura do teónimo: no início, nota-se uma barra vertical que deverá corresponder à sigla da filiação; segue-se-lhe a parte inferior de um Q, sendo nítida a haste bastante prolongada; mal se apercebe o V seguinte; lê-se o A, mas o N tem a segunda haste vertical quase apagada; o G é nítido; o grupo EI mal se apercebe e o O ou V final desapareceu. Gravação bastante deficiente, com linhas nitidamente descaídas para a direita e com caracteres de diferentes módulos. Na l. 1, a altura das letras diminui da esquerda para a direita, motivo por que as primeiras estão incompletas. Todavia, para ocupar regularmente todo o espaço disponível, houve a preocupação de dividir por duas linhas o formulário final.

Adenda

Foto 100.3

Juntamente com o anterior, foi recuperado este fragmento que estava reaproveitado numa parede. Deve corresponder a uma base de ara que não chegou a ser concluída: tem um cordão com 3 cm que, num dos lados, está apenas esboçado. É de granito de grão médio, de fácil desagregação e bastante erosionado.

Dimensões: fuste: $(13) \times 27/28 \times 18/21$;

base: $(12/8) \times 30 \times 23$.

FERNANDO PATRÍCIO CURADO

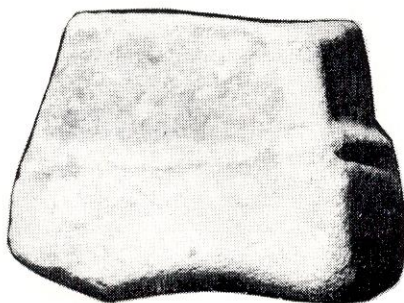


Foto 100.3

LÁPIDE FUNERÁRIA DE SANTO ESTÊVÃO (SABUGAL)

Foto 101

Esta lápide, de granito de grão médio, foi reencontrada no Sabugal juntamente com o miliário CIL II 4638 (que, neste fascículo, se apresenta em adenda ao miliário de Alagoas — n.º 102), mas, no séc. XVI, ainda estava reaproveitada na igreja de Santa Maria, freguesia de Santo Estêvão. A proprietária da casa onde agora se descobriu (Maria Emília Teixeira) decidiu oferecê-la ao Museu Municipal, onde já se encontra.

Como o monumento em si era desconhecido e as correcções são importantes, optou-se pela sua inclusão neste Ficheiro: uma transcrição imperfeita prestou-se a várias interpretações incorrectas⁽¹⁾.

O campo epigráfico, rebaixado, é emoldurado com um listel simples de 3 cm de largura. Aquando do reaproveitamento, a aresta vertical direita foi cortada.

Dimensões: 44,5 × 98 × 20.

Campo epigráfico: 29 × 83.

QVINTVS MODESTI F(*ilius*) A(*nnorum*) XXV (*viginti quin-*
que) / PLACIDA MODESTI F(*ilia*) A(*nnorum*) XIII (*tredecim*) /
BOVDICA FLACCI F(*ilia*) MODESTVS / CELTIATIS F(*ilius*)
LIBERIS VXORI SIBI FECI[T?]

⁽¹⁾ Vide José VIVES, *Inscripciones Latinas de la España Romana*, Barcelona 1971/72, p. 455 e 843; s.u. *Boudicas*, *Cirtiatiss*, *Laccis*, deverão ser emendadas as referências em Manuel Palomar LAPESA, *O. Lus.*, e também em Maria de Lourdes ALBERTOS FIRMAT, *O. Hisp.*

Quinto, filho de Modesto, de vinte e cinco anos; Plácida, filha de Modesto, de treze anos; Boudica, filha de Flaco. Modesto, filho de Celtiate, fez para os filhos, para a mulher, para si.

Altura das letras: l. 1: 7/7,5 (Q = 6, O = 5,5 e 1.º X = 3); l. 2: 7,5/6,5 (O = 5,5); l. 3: 6,5/5 (1.º O = 5,5, 2.º O = 4, 1.º e 4.º CC = 4); l. 4: 4/4,5 (2.º C = 4 e último I = 3). Espaços: 1: 0,5/2; 2: 1/2; 3: 1/2; 4: 0,5/1; 5: 1/0.

As principais variantes de leitura eram as seguintes:

Hübner: *Modestis; Placidia; Boudicas; Laccis; Cirtiatis; sibi;*

Vives : mantém a leitura de Hübner, mas corrigindo para
Boudica Slaccis e sibi f.c.

Há a assinalar a inexistência de pontos de separação.

Os OO são redondos e o Q feito a partir deles; o P é de pança aberta; tem FF = S com travessão e EE = II (mas, apesar disso, o último E foi grafado normalmente). É possível que o corte da moldura vertical esquerda tenha destruído um T ali gravado, na l. 4, embora nada impeça a utilização do verbo na 1.ª pessoa. Foi conseguida uma paginação razoável, com nítido alinhamento à esquerda.

A antroponímia é conhecida na região, à excepção de *Celtiatis*. Tal como em *Virius / Viriatus* > *Viriatis*, supomos que se recolhe agora, pela primeira vez, a variante *Celtius / Celtiatus* > *Celtiatis*. Embora seja evidente a adopção da onomástica latina, parece haver uma certa regressão no caso de *Boudica*, cujo pai já estaria romanizado: apenas esta e o sogro apresentam antropónimos indígenas.

Pela inexistência de consagração aos Manes e utilização do nominativo, este monumento deve ser de finais do séc. I.

FERNANDO PATRÍCIO CURADO

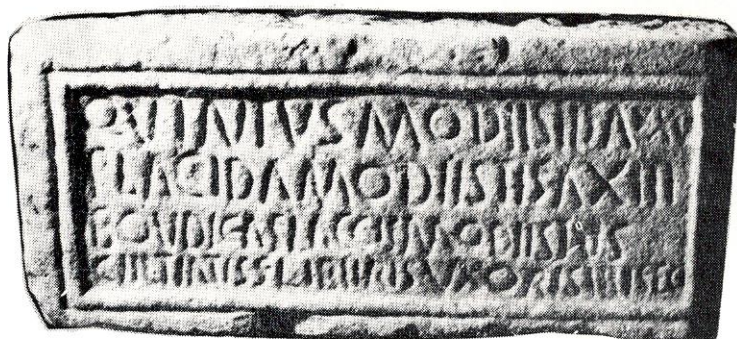


Foto 101

MARCO MILIÁRIO DE ALAGOAS (SABUGAL)

Foto 102.1

Foi recolhido, há sete anos, na aldeia de Alagoas, freguesia de Aldeia de Santo António, concelho de Sabugal, e encontra-se no Museu Municipal. É de granito de grão fino e inicialmente esteve reaproveitado como coluna de cruzeiro (facto a que se deve a existência de uma cavidade no topo); posteriormente, terá servido como «aguçadoura colectiva», apresentando-se actualmente com cerca de 75% da sua superfície totalmente polida e a parte restante com a inscrição praticamente apagada⁽¹⁾.

Dimensões: altura: (132); diâmetro: 35 em cima e 37,5 em baixo.

[.../...A...O.../...O.../...IOI.../...PAT.../.../...III (vel III?)]

Altura das letras: (8/9).

⁽¹⁾ Embora ainda inédito, este marco por nós recolhido já foi citado por outros autores. Apesar de não ser possível qualquer leitura segura, é agora publicado aproveitando-se a oportunidade para dar a conhecer o miliário CIL II 4638, recentemente reencontrado.

Muito próximo e a norte de Alagoas, no sítio da Tapada Cabeça, existe um recinto com paredão de terra batida que supomos possa corresponder a um acampamento militar romano (embora apenas uma sondagem possa vir a confirmar esta suposição): já em época imperial o itinerário seria importante, o que é devido a condicionalismos geográficos na ligação entre a planície e o planalto.

Pela erosão diferenciada na superfície não polida, apenas se pode observar que ali foram gravadas sete linhas. Nos cerca de 30 cm que lhe faltarão em altura, eventualmente, teria mais duas linhas.

Pelo pouco que resta do texto, preferimos não tentar fazer qualquer reconstituição. Mas, pela semelhança do suporte com aquele que se apresenta em adenda, julgamos que será também do imperador Tácito e dos anos 275 ou 276. Deve corresponder à milha III ou IV (se o início da contagem se situar no Sabugal).

Adenda — *O miliário de Santo Estêvão (Sabugal)*

CIL II 4638 — ILER 1928

Foto 102.2

Possivelmente ainda em meados do século passado, esta inscrição e, pelo menos, CIL II 455, foram trazidas para o Sabugal onde se mantiveram esquecidas até ao início deste ano ⁽²⁾. Segundo julgamos saber, o actual proprietário (António Nunes) tenciona oferecê-lo ao Museu Municipal.

⁽²⁾ Já antes havíamos afirmado que as inscrições CIL II 455, 456, 457 e 4638 (mal localizadas em ILER e, aqui, respectivamente, com os n.ºs 4888, 4338, 507 e 1928) teriam que pertencer à freguesia de Santo Estêvão: foi a menos de 1 km para norte desta aldeia que existiu outrora a igreja de Santa Maria — facto que ainda se não apagou da memória do povo — e à qual correspondem as referências de Hübner baseadas no manuscrito do séc. XVI conhecido por *Schedae Ambrosianae*, de Mariangelo Acúrsio. Ainda falta reencontrar as inscrições 456 (funerária e, possivelmente, uma estela) e 457 (para a Vitória, certamente no sítio da Fonte das Freiras, numa milha mais para norte, já na serra dos Mosteiros e a caminho de Alagoas).

A trasladação destas peças poderá servir de exemplo de como, afinal, «as pedras também andam»: não fora a sua leitura, no séc. XVI, e estaríamos agora tecendo conjecturas sobre qual o ponto de partida na contagem das milhas. Embora possa ter sido deslocado aquando do reaproveitamento, as sete milhas deste marco correspondem sensivelmente à distância dali ao Sabugal, pelo caminho da serra dos Mosteiros. E esta, na Idade Média, era designada por «Cabeça de Valência», passando por ali o principal itinerário de ligação com Alcântara (conforme documentação coeva). Embora os habitantes desta medieval Valência tenham constituído o principal núcleo de povoamento da então criada vila de Sortelha (nas proximidades), é provável que o topónimo tenha tido origem em época romana: não faltam por ali vestígios de ocupação neste período.

Dimensões: altura: 164; diâmetro: 27,5 em cima e 34,5 em baixo.

IMP(eratori) CAE/SARI MARCO / CLA(u)DIO TACITO / PIO
FELICI INVICTO A⁵VG(usto) PONTIFICI MAXIMO TRIBV-
NICIE [sic] POT/ESTATIS [sic] PATRI PATRIE [sic] / PRO-
CONSVLI / (milia passuum) IIIX (septem)

Ao Imperador César Marco Cláudio Tácito, Pio, Feliz, Invicto, Augusto, Sumo Pontífice, com o poder tribúncio, Pai da Pátria, Procônsul. Sete milhas (a...?).

Altura das letras: l. 1: 10/12; l. 2: 9/12 (O = 7); l. 3: 9/10 (O = 7); l. 4: 9/8 (F = 7); l. 5: 7/6; l. 6: 6/8; l. 7: 7/8; l. 8: 6/8; l. 9: 6/7. Espaços: 1: 11/8; 2: 5/3; 3: 3/4; 4: 4; 5: 2; 6: 1,5; 7: 1,5/2; 8: 2/1; 9: 1; 10: 64.

No final da l. 4, existe um A quase apagado com o qual fica completa a abreviatura de *Augusto*, com o que se corrige o início da l. 5 que, no CIL, tem VC. Pelo uso do dativo, está implícita uma função honorífica.

FERNANDO PATRÍCIO CURADO



Foto 102.1

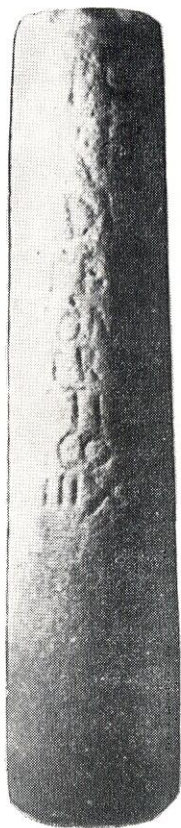


Foto 102.2